

OPERAÇÃO

**TU
CA
NO**



SUE HECKER



OPERAÇÃO
**TU
CA
NO**

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Sue Hecker, 2019

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Jadna Alana

Raquel Escobar

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Décio Gomes

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Hecker, Sue

Operação Tucano / Sue Hecker. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2022

ISBN: 978-65-87068-44-2

1. Ficção brasileira 2. Romance Erótico I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

Querido leitor,

Enzo Marcondes passou pela vida da Juliana Calixto como um avião caça supersônico, combatendo-a, bombardeando-lhe a alma, atacando-a, fazendo de alvo o coração dessa mulher.

Apaixonada e sonhadora, ela não pensou duas vezes antes de se entregar completamente a essa tórrida paixão. Ju, entretanto, sempre foi muito fiel às amizades, e essa lealdade, quando confrontada, coloca à prova os verdadeiros sentimentos que tem por ele.

Ao se sentir traído, Enzo ficou furioso e prometeu a si mesmo nunca mais vê-la. Quase oito anos depois, eles se reencontram em uma missão de resgate, na qual a Capitã Calixto faz parte da equipe.

Uma emboscada é armada e o destino se encarrega de colocá-los juntos de novo. Perdidos no Pantanal Mato-Grossense, eles descobrem que o desejo que existira entre eles só aumentou.

Para viverem esse amor latente, contudo, Enzo exige a verdade; mas, se Ju não revelou esse segredo antes, por que o faria agora? A teimosia dela o irrita demais, mexendo com seu autocontrole.

Militares de instituições diferentes, os dois sabem muito bem que o amor é como uma guerra: fácil de começar, mas difícil de terminar. Cabe somente a eles decidir quem se renderá primeiro. E a você, torcer muito para que esse casal tenha um “felizes para sempre”.

ORAÇÃO DO GUERREIRO DE SELVA¹

Exército Brasileiro

Senhor!

Vós que fizeste do dilúvio ressurgir a terra,

Criastes dessas entranhas o PANTANAL.

Com insetos e espinheiros;

O perigo das matas;

O calor e a friagem;

As enchentes e os segredos das águas.

Mas, Senhor, só vós sois Deus

A última luz do universo.

Transformai as forças da natureza

No poder de seu próprio defensor

Fazei explodir a coragem

Multiplicar a força e consolidar a fé.

Pois aqui, Senhor

Da mistura de lama e sangue do passado,

Empunhando o aço de divina têmpera

Criaste o GUERREIRO DO PANTANAL.

A subjugar o invasor e o adverso.

PANTANAL!

1. <https://www.lettras.mus.br/exercito-brasileiro/1300632/>

PRÓLOGO

Quase oito anos atrás

Capitã Calixto

Desligo o telefone, saltitando de alegria em direção ao quarto. Acho que nunca me senti tão feliz na vida e isso me assusta.

– Por acaso viu o passarinho verde? – minha mãe questiona assim que a encontro no meio do corredor e dou um beijo nela.

– Enzo vem me ver.

– No meio da semana? Ele não deveria estar na base aérea?

– Deveria, mas não está...

Aperto sua cintura.

– Ju, não gosto de vê-la tão empolgada com esse namoro. Vai com calma, meu amor. Vocês já tiveram tantas idas e vindas que tenho medo de que sofra mais uma vez.

A preocupação é compreensível, por isso não reclamo de ela agourar o meu namoro. Enzo e eu somos enrolados desde pequenos. Se contar todas as vezes que pensei que nosso relacionamento ficaria sério só para ver tudo dar errado, precisaria dos dedos das mãos e dos pés; e, mesmo assim, não seria o bastante.

– Agora é diferente, mãe. Estamos bem.

– Bem? – Ela me encara por cima dos óculos. – Não foi isso que me disse ontem à noite. Você não falou que ele tinha sumido?

– Também achei, mas Enzo me explicou ao telefone. Disse que Maya voltou doente da viagem à Índia e, por isso, acabou revezando com o pai no hospital para fazer companhia a ela.

– Maya estava internada e você não sabia?

– Parece que estava em observação desde ontem. Enzo falou que me conta tudo depois.

– Coitadinha da sua amiga, vou rezar por ela.

– Ah, mãe, não é para tanto, né? Parece que Maya até já teve alta. Estou pensando em visitá-la mais tarde.

– Faz isso, filha. Vocês são tão amigas! Aproveite e dê um beijinho nela por mim.

– Darei vários... Agora, deixe eu ir me arrumar que o meu namorado gostoso logo estará aqui.

Toda animada, faço cócegas em mamãe antes de entrar no quarto.

Bendita a hora em que fui com Maya àquela rave à fantasia. Certo, poderia ter dado tudo errado, mas acontece que não deu, e, no fim, a mentirinha boba acabou me aproximando de Enzo.

Fui uma atriz...

Sorrindo, abro os braços e me jogo na cama.

Pensando bem, os méritos não foram só meus. A cara que Enzo fez quando me viu acompanhada de Juninho derreteria uma geleira. Ele dispensou o pobre rapaz como se jogasse para longe o capote² de toureiro. Quando segurou meu braço com força, pensei que ia me desmanchar ali mesmo, na frente de todos. Sempre gostei do seu modo bruto e possessivo de lidar com a vida.

Enganá-lo não foi uma tarefa difícil — ao exigir satisfação do paradeiro da irmã, estava tão cego de ciúmes por ter me visto acompanhada que acabou aceitando facilmente a desculpa que dei.

Só não entendo por que ele e o pai são tão superprotetores com Maya. A garota já é maior de idade, então qual é o problema de ela ir a uma festa como

2. Chama-se capote o objeto de tecido colorido brilhante, normalmente vermelho, que os toureiros usam durante a luta.

aquela? Enfim, isso é problema deles, não tenho nada a ver com isso. Se ela foi escondida e me pediu para acobertá-la, não seria eu quem a entregaria.

O importante é que consegui tirar minha amiga da festa e, de quebra, Enzo me procurou no dia seguinte para se desculpar por ter sido um ogro na forma como me abordou. E estamos juntos até hoje.

Mal termino de me trocar quando o ouço estacionar o carro. Qualquer som diferente é fácil de ser reconhecido no silêncio do campo, um dos privilégios de morar em uma fazenda.

Ansiosa, corro para a varanda, parecendo uma adolescente no primeiro encontro.

Lá fora, de braços cruzados, enfatizando os bíceps fortes, está o homem que mexe com minha libido, enlouquece minha vida e é capaz de fazer as pernas bambearem com apenas um sorriso. O cabelo curto, de corte militar, acentua os traços brutalmente charmosos.

— Oi. — Enzo me dá um beijo seco; por dentro de mim, ecoa um grito apaixonado.

— Oi! — digo, toda empolgada, procurando sua boca para um beijo decente, mas antes que nossos lábios se encostem, ele se esquiva, empurrando-me com firmeza.

Sua falta de entusiasmo me faz lembrar da tentativa de lhe dar nosso primeiro beijo quando tínhamos seis anos.

— Como está Maya?

— De saúde, está ótima.

Franzo o cenho, demorando um pouquinho para registrar o tom frio.

— Viagens longas podem deixar qualquer um debilitado.

— Precisamos conversar, Ju.

A frase, combinada com a censura em seus olhos azulados como o céu, é sinal de alerta.

— Precisamos?

Preocupada, abraço-o inocentemente.

— Me solta, Ju, não estou no clima. Só vim até aqui para lhe fazer uma pergunta: com quem Maya está saindo?

— Por que você acha que eu saberia?

— É a melhor amiga dela.

Sou mesmo, mas, pelo que sei, Maya não está saindo com ninguém. Trocamos algumas mensagens durante a viagem dela para Índia, e nenhuma aventura amorosa foi mencionada. O último cara com quem ela ficou foi o tal do Seiya na festa à fantasia. Aliás, que encontro quente... A danada da minha amiga se superou no envolvimento.

— Se quer essa informação, pergunte a ela.

A conversa desconfortável não me agrada.

— Já fiz isso. A teimosa disse que não está saindo com ninguém.

— Então acredite.

— Bela tentativa de me enrolar, Ju. Pensa que sou idiota, é? — Ele me olha como se tivesse me estudando. Sustento o olhar sem hesitar.

— Jamais pensaria isso de você. Eu o amo, Enzo. — Abro meu coração pela primeira vez, esperançosa de que meus sentimentos o amoleçam um pouco, e ele pare de agir como um ogro.

— Quem ama confia! Se não me diz com quem minha irmã está saindo, é porque também vai esconder quem é o pai do filho dela!

Fecho os olhos, sentindo a dor da rejeição. O peito aperta, como se tudo dentro de mim fosse ser esmagado. Embora essa não fosse a palavra certa, já que Enzo nunca me prometeu nada — eu que aceitei amá-lo sem receber nada em troca.

— Espera, o que você disse? Maya está grávida? — Surto com a notícia. — Como ela conseguiu esconder isso de mim?

— Ela disse que não sabia de nada até passar mal na volta da viagem, mas essa história está muito esquisita.

— Dê o tempo dela. Certamente não deve estar sendo fácil. E se ela não quer falar nada por enquanto, respeite-a.

— Que grande conselho! Também, o que eu poderia esperar da pessoa mais liberal e empoderada que já conheci? Não estranharia saber que foi você quem aconselhou Maya a se aventurar com um casinho qualquer.

Então, ele pensa que sou uma má influência para a irmã? As peças comecem a se encaixar. Esse deve ser o motivo pelo qual Enzo sempre enrolou para assumir nosso romance diante da família. Talvez ache que eu não sou boa moça, pelo menos não o bastante para nos casarmos. Lágrimas de dor se formam no canto dos meus olhos, e não faço questão nenhuma de secá-las.

— Está me ofendendo com esse comentário machista. Homens podem ter casos de uma noite e mulheres não?

— Agora é você que está se sentindo ofendida? Faça-me o favor!

Se eu fosse honesta, não era surpresa nenhuma que ele estivesse falando assim comigo. Enzo nunca hesitou em jogar na minha cara tudo o que reprovava em mim.

— Faça-me um favor você e vá embora. Não vou ficar aqui o escutando despejar em cima de mim a culpa dos problemas de Maya. Ela é maior de idade e dona dos seus atos!

— Fica sossegada, já estou indo. Mas antes você vai ter que me contar onde foi que a Maya encontrou esse cara. Se ele engravidou minha irmã, vai ter que assumir as responsabilidades. Isso se sair vivo da surra que darei nele por ter mexido com uma garota tão inocente.

— Nem imagino quem possa ser o cara e, mesmo que soubesse, não contaria um segredo que não é meu. Se Maya não lhe contou, não serei eu que contarei.

— Essa é a sua última palavra? Você sabe que se omitir a verdade de mim, não vou mais confiar em você? Que não ficaremos mais juntos? — pergunta, firme, como se não aceitasse oposição.

Ele segura meu braço, enquanto assimilo a chantagem por trás da ameaça. No entanto, nem o que sinto por ele é capaz de passar por cima dos meus princípios — jamais trairia uma amiga para não perder o namorado. Isso seria mais baixo do que Enzo pensa que sou.

As lágrimas que, antes, caíam com ressentimento agora são de raiva. Estou inconformada por ele colocar à prova o que temos com uma condição dessas. E, por mais que doa muito, não posso ficar calada, contentando-me com as migalhas e ofensas que me oferece. São anos rastejando aos seus pés, atrás de algo que nunca terei.

— Quem não quer mais ficar com você sou eu! — replico, mantendo-me firme, morrendo de raiva por dentro. Minhas mãos tremem, o ar parece faltar no peito. Não acredito que estou dizendo isso!

— Espero que tenha certeza disso e sustente seu desejo, Ju.

A boca dele se curva num sorriso sem humor, pois sabe que, por mais duras que fossem nossas separações, eu constantemente dava um jeito de reencontrá-lo. E o pior é que, na minha inocência patética, sempre revelava as manobras que fazia. Só que desta vez será diferente. Cansei. Por mais amor que eu possa sentir, ainda tenho a minha dignidade.

— Nunca estive tão certa de alguma coisa na vida. Adeus, Enzo! — Puxo o braço. Junto do movimento, rompo qualquer esperança da fé que um dia lhe dei.

— Se é isso que prefere, adeus!

Ele entra no carro e leva consigo meu coração despedaçado.

As pernas, que até este momento eram sustentadas pela coragem, cedem. Nem a poeira causada pelos pneus é o bastante para me fazer levantar.

Toda coragem a que me agarrei desaparece, dando lugar à dor mais intensa que já senti na vida.

Está tudo acabado...

INTRODUÇÃO

Tenente Marcondes

Pow... pow... pow...

O som de disparos a quilômetros de distância não é de uma simples espingarda de caçador. Os tiros vêm de armas com calibres de alta potência. A morte já não me importa muito; meu corpo convalescido está fraco, mal sinto as pernas e os braços.

Se eu fechar os olhos, a explosão da aeronave contra o chão invadirá meus pensamentos. Atravessar as altas labaredas que tomavam o ar e sentir o calor que subia foi como passar por uma fornalha. O coração ainda dispara ao me lembrar do desespero que senti ao acionar a alavanca ejetora e vê-la falhar. Demorei muito tempo para ser ejetado, e aqueles poucos segundos de atraso viraram horas de aflição e tortura.

Depois, foi tudo muito rápido. Num momento, eu estava passando por tudo aquilo; no outro, estava perdido, em todos os sentidos.

Há dias vivo precariamente, perdido na mata, vagando a esmo, cercado de animais selvagens, em um verdadeiro desafio de sobrevivência. Logo nas primeiras horas após o acidente, ao despertar do desmaio, descobri que aguentar tudo isso seria uma tarefa árdua. A fome tomou conta do meu corpo já nos primeiros metros caminhados, e parecia quase impossível encontrar comida aqui, no meio da selva.

Sempre ouvi dizer que frutas comidas por passarinhos não fazem mal ao ser humano e, como estou machucado e cansado, é assim que venho me alimentando. O Pantanal tem uma flora e fauna diversificada, só esperando para ser colhidas e degustadas. O único problema é que nem tudo parece apetitoso e comestível aos olhos e paladar.

Assim como a larva que seguro entre os dedos...

Ab, minha amiga, você é tudo o que eu tenho de nutriente e proteína no cardápio de hoje...

Quimerinha, apelido que lhe dei carinhosamente, parece tentar me seduzir ao fazer uma dancinha para não a comer.

Não se exiba tanto, meu bem. Se soubesse a fome que estou, ficaria paradinha. No momento, eu a classifico como uma verdadeira iguaria!

Trago-a para perto dos olhos e a encaro.

— Vou devorá-la de qualquer jeito! — A larva demonstra pressentir seu destino eminente e se remexe compulsivamente, tentando escorregar entre os meus dedos. — É a sobrevivência, querida! — desabafo.

Ser piloto de caça sempre foi um sonho que me exigiu muita determinação. A carreira em si me impôs desafios, responsabilidades e surpresas como a que estou vivendo. Moleque criado no interior de Três Lagoas, tive que reunir toda a coragem para abrir mão da vida boa que tinha, sair de casa e encarar o destino que tracei para mim.

Quem diria que uma pane mecânica na aeronave me obrigaria a ser ejetado em pleno Pantanal junto de meu parceiro e me levaria a passar dias perdido? Os cursos e treinamentos aos quais fui submetido me deram a base para não sentir nojo de nada que a natureza pode proporcionar como alimento. Então, fecho os olhos e a mando para dentro.

Hum! Como diriam Timão e Puma do Rei Leão: viscoso, mas gostoso.

Mastigo-a imaginando qualquer outra coisa. Se Bastos estivesse aqui, tenho certeza de que ele a salvaria; o cara é sensível demais. Quanto a mim, não posso dizer o mesmo.

Merda, como é que só uma vai satisfazer um metro e noventa e um de corpo, músculos e estrutura óssea?

Pow... pow... pow...

Os disparos parecem se aproximar.

Puxo a medalha que ganhei do meu avô Onofre com o salmo dezesseis, versículo cinco, e beijo-a.

Tu, ó senhor Deus, és tudo o que tenho.

O meu futuro está nas tuas mãos; tu diriges a minha vida.

Depositando toda minha esperança na amiguinha que acabei de ingerir, busco forças para voltar a caminhar.

Quando me formei na academia e me juntei à Força Aérea, o que me impulsionou, além de servir à pátria, foi a possibilidade de fazer a diferença, tirando-me daquela rotina comum e fazendo-me sonhar com algo maior. A ascensão hierárquica, de aspirante a general, é o caminho que almejo desde o começo e que, para meu espanto, atravesso rapidamente, resultado de meu empenho e estudo exaustivos.

Não é difícil fazer aquilo que me agrada, ainda mais quando as atividades físicas são parte das disciplinas mais importantes de um oficial. Então, eu me agarro a tudo que venho buscando para continuar a caminhar depressa e sair da situação em que me encontro. Se eu morrer aqui, o que será de Maya e Apollo? Não consigo nem imaginar como sentirão minha falta. Bem, antigamente Juliana sentiria também, mas agora...

POW... POW... POW...

Calma aí, atirador, se uma bala perdida me atingir, só vai servir para que eu vire mais um número nas estatísticas de pessoas mortas por tiro na selva. E isso não é nada digno para um homem que sobrevive com tanto orgulho às armadilhas do Pantanal.

Se não fui devorado pela sucuri que encontrei no caminho nem pela onça faminta que ouvi se aproximar na noite passada, não será uma bala perdida que me deterá.

Sem ter para onde ir, paro por um instante, apenas ouvindo para determinar de onde os tiros são disparados, para que possa ir na direção oposta.

As perguntas de como cheguei aqui vagam pela minha mente, mas nada parece fazer sentido. Como fui me separar de Bastos? Quando caímos, não pareceu que ele tinha pousado tão longe assim de mim.

Inferno! Por que cargas d'água a alavanca de ejeção demorou tanto para ser acionada?

Os tiros se aproximam cada vez mais, chamando minha atenção de volta para o perigo. Ah, atirador, você desistiria de me caçar se soubesse como meu pai desaprovou a ideia de eu ser um piloto de carreira e como eu o desafiei para ir atrás do meu sonho. É melhor deixar para lá essa brincadeira de tiro ao alvo, porque eu definitivamente não sou a bola vermelha que lhe dará mais pontos se me acertar.

Mais tiros ecoam, acompanhados por vozes. *Merda... Não é só um! São vários!*

As palavras são ininteligíveis.

Inspirado pela ilusão do meu sobrinho, Apollo, que sempre mencionou que sou seu herói, tento bancar um, embrenhando-me entre a vegetação. A única motivação que tenho para seguir em frente é minha irmã, Mayara, e seu pequeno piá, a luz na nossa vida. Para não mencionar o desejo de encontrar Bastos, meu melhor amigo e companheiro, que deve estar aqui em algum lugar.

Onde ele caiu para que eu não consiga encontrá-lo? Foram tantas tentativas em vão que chego a pensar que nunca mais o verei.

Cada vez que ouço o som de helicópteros aproximando-se, minhas esperanças aumentam, apenas para a frustração tomar conta logo em seguida, quando percebo que se afastaram.

Com esforço sobre-humano, buscando forças não sei de onde, encontro-me com o rio. Sem saída, pulo na água fria ao perceber que as vozes com sotaque latino estão muito perto.

— *El cabrón se jugó*³.

Impulsiono meu corpo esgotado mais para o leito, sentindo-o bater contra as ondulações rochosas a toda velocidade.

Os homens parecem farejar minha existência. O tobogã natural me projeta metros à frente e engulo água; logo penso que a situação pode se tornar letal. Já imagino a manchete nos noticiários:

3. O bastardo se jogou.

Piloto é encontrado morto às margens do rio Paraguai depois de dias desaparecido no Pantanal.

A ideia seria mórbida se não fosse a violência das águas, que não parece se importar com o meu senso de humor.

— Ah! — reclamo a cada pancada que tomo.

O salmo vem à minha mente e rezo, pedindo proteção aos céus, e mais uma vez a prece parece ser atendida. O estreito córrego me lança para uma larga superfície. Como cheguei até aqui, só Deus para responder. Decerto, foram as mãos grandes de um salvador ou a fé que esqueci que tinha.

Meus pulmões combalidos imploram por oxigênio, e inspiro com sofreguidão, buscando fôlego para mergulhar e sair da correnteza que me leva. Algumas braçadas largas me ajudam a chegar à margem, onde abro os braços e as pernas. Deitado no solo úmido, agradeço por estar vivo depois do que acabo de passar.

Aleluia! Mais uma vez fui salvo...

— Estou ficando bom nisso! — comemoro. — Já posso voltar a ser um bom pecador, porque todas as minhas dívidas foram liquidadas depois disso. Se o que acabei de passar não é uma severa penitência, não sei do que chamar.

O som de passos apressados sobre a folhagem mostra que comemorei cedo demais. *Putá que pariu! Acabo de passar por uma experiência de quase morte e já estou em outra?*

POW... POW... POW...

Avaliando rapidamente a situação, levanto-me bruscamente à procura de um abrigo. Por um instante, o medo tenta se insinuar nos meus pensamentos, mas não tenho tempo para isso. Quando sair desta selva, eu me preocuparei com sentimentalismos. Neste momento, meu treinamento militar toma conta da mente e do resto do corpo como uma máquina em pleno funcionamento.

A vegetação alagada não me deixa passar despercebido enquanto os homens me caçam como um animal. A fenda causada pela depressão no solo é como sabão sob meus pés ao tentar correr.

Vou equilibrando-me como posso. As insistentes horas que os colegas do esquadrão passavam na academia — para as quais me forçavam

a acompanhá-los — me deram uma condição física favorável para esta provação. Prometo agradecer a eles se sair desta.

Esses caras podem até me pegar, mas vão suar um pouquinho. Confirmando minhas suspeitas, eles não se importam de brincar um pouquinho na lama. O esconde-esconde de gente grande não tem nada de engraçado — a cada arbusto atrás do qual me escondo, aparece um homem diferente para me encontrar. Pura covardia essa brincadeira.

No raciocínio frio, penso em atacar e roubar a arma de um deles. Ideia idiota; levaria um tiro no meio da testa antes que pudesse ao menos pensar em avançar contra eles. Tento fugir mais uma vez. Entretanto, os caçadores me deixam acuado; eles parecem bem ambientados, mostrando que conhecem cada espaço como se vivessem aqui.

De repente, vejo várias armas apontadas para mim. *Fim da linha, pelo visto.*

— Sou da paz! Abaixem essas armas. — Levanto os braços em rendição.

— *La puta madre, el cabrón es militar brasileño*⁴ — o homem com dentes de ouro comemora.

De repente, a palavra *Brasil*, bordada no macacão aeronavegante verde, no qual meu nome e patente foram gravados na lapela — Ten. Marcondes —, do qual me orgulhei tanto e cuja conquista comemorei, transformou-se num pesadelo.

A Força Aérea me ensinou que, para fazer um bom voo, preciso usar a cabeça, não as mãos. Então, em vez de lutar, prefiro aceitar o inevitável. Afinal, um piloto jamais permite que o avião o leve a algum lugar aonde sua cabeça não tenha chegado cinco minutos antes.

4. Filho da mãe, o bastardo é um soldado brasileiro.

1

Capitã Calixto

Quando fomos convocados ao batalhão para o briefing desta manhã, não imaginava ter nas mãos informações e instruções concisas e objetivas sobre a Operação Tucano — nome dado pelos Federais, por se tratar do sequestro de um piloto da Força Aérea Brasileira.

Não sei por que me escalaram para esta missão, já que venho de outra operação, durante a qual passei quase três meses longe de casa e desligada do mundo. Achei que teria uma folga, mas, pelo visto, eu me estrepei.

Embora tenha voltado revigorada e com o sentimento de dever cumprido, ainda tenho uma vida pessoal e preciso desfrutar um pouquinho dela.

Se bem que a culpa é toda minha; sou eu quem se candidata a todas as missões. Então, o comando deve ter imaginado que eu não gostaria de ficar de fora dessa — ainda mais quando cheguei contando sobre como conseguimos combater a epidemia de dengue no vilarejo pantaneiro, além das dificuldades de cuidar dos nativos. Confesso que a precariedade e acesso aos medicamentos por meio de embarcações que demoraram muito para chegar dificultou ainda mais as coisas, mas aquele povo hospitaleiro, descendente dos indígenas, é pura lição de vida.

Aprendi com eles a verdadeira força de vontade para vencer. Mesmo vivendo em um lugar inóspito para muitos, para aquele povo, lá é o paraíso.

Diziam para eu ficar calma, que não adiantava tentar convencê-los a irem se cuidar em outro lugar, pois não sairiam de lá por nada: ali nasceram e morreriam se assim fosse a vontade da força maior.

O valor que aquele povo dá ao seu pequeno pedaço de terra chega a emocionar de tanto orgulho.

De todo modo, se estou recebendo a responsabilidade de mais uma missão, não irei contestar. A obediência é uma das maiores características de um oficial do exército.

No briefing, tenho o relato das condições e ações descritas do refém em poder dos traficantes. Sempre que vejo algo relacionado a um piloto da FAB, penso em Enzo e em como ele deve estar. Será que se casou? Constituiu família? A verdade é que pouco importa o que ele fez ou deixou de fazer, é passado. Nunca mais tive notícias dele, nem procurei saber.

Conforme vou lendo, descubro que o piloto em questão é um oficial do esquadrão Pegasus que sofreu um acidente durante o voo de exercício de patrulhamento em pleno Pantanal, de onde o seu parceiro, major Bastos, foi resgatado. Após várias buscas, no entanto, o piloto foi dado como desaparecido — provavelmente se perdeu na vegetação fechada.

Um mau pressentimento se aloja no peito. Meu Deus! Bastos sempre é o parceiro de Enzo. Corro os olhos pelas linhas, sabendo que uma delas me dirá o nome do piloto, torcendo para que conste o nome de qualquer outra pessoa — talvez as duplas tenham mudado ou ele estivesse de folga no dia do acidente. A cada palavra lida, sigo rezando, pedindo que não passe de uma grande coincidência, mas, por fim, lá está o nome do desaparecido: Tenente Marcondes.

Quanto mais vou aprofundando-me na missão, mais o ar parece faltar nos pulmões. Descobrir que o piloto é Enzo me faz sentir uma punhalada no peito. Não é possível que isso esteja acontecendo comigo.

Conforme as equipes são designadas para cobrir as rodovias de terra e asfalto, rios e fronteira, vou ficando aflita. O briefing diz que os traficantes bolivianos tentarão atravessar a fronteira por solo para buscar um carregamento de armas e, para isso, vão usar o tenente Marcondes como escudo.

O comando define que a equipe treinada é a que irá pela selva. Eu os acompanharei como médica — sou devidamente qualificada e experiente para cuidar da saúde do sequestrado e de quaisquer ferimentos do pelotão.

Céus ou inferno, que seja... Estou escalada para a operação de resgate de Enzo! A ideia de encontrá-lo ferido ou até morto é aterrorizante...

Essa incumbência faz minhas pernas enfraquecerem e as mãos tremerem. Sinto o rosto empalidecer. O coração bate tão violentamente que pareço estar à beira de um ataque de ansiedade ou até, quem sabe, de um desmaio inoportuno.

Faz tantos anos desde a última vez que vi o único homem com quem me iludi e acreditei amar que nem mesmo sei qual será minha reação quando o reencontrar. Apesar de saber dos meus sentimentos, ele foi impetuoso e duvidou deles simplesmente porque eu não quis lhe revelar um segredo que não era meu.

Livrando-me das lembranças de um passado que, se eu permitisse, impediria que eu seguisse em frente, voltei a prestar atenção na reunião, concentrando-me em todas as instruções.

Reúno toda a força que acredito ter para seguir na missão. Não mostrarei ao comando nenhum segundo de fragilidade; a ideia de que um dia desisti sem lutar está muito viva dentro de mim. Venho de um passado em que renunciei seguir o coração, fugindo da dor que o dilacera; entretanto, por motivos profissionais, estou disposta a lutar.

O coração e a vida pessoal não fazem parte das suas obrigações com a carreira militar, Ju. Aqui você é a Capitã Calixto, duas vezes condecorada com Ordem ao Mérito por atos de bravura!